CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

D. Francisco Manuel de Melo

Notas relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra

I -2

Imprensa da Universidade
Coimbra — 1914

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

Notas relativas a manuscritos
da Biblioteca da Universidade de Coimbra

I - 2

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

D. Francisco Manuel de Melo

Notas relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra

I - 2

Imprensa da Universidade
Coimbra — 1914 - 15

SEPARATA

DO

Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra,

vol. I, n.º 7.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

NOTAS RELATIVAS A MANUSCRITOS
DA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

No ponderado e ponderoso estudo sôbre D. Francisco Manuel, que Portugal deve a Edgar Prestage — modestamente chamado *Esboço Biográfico* (Coimbra, 1914), apesar de, ilustrado com documentos valiosos, em grande parte inéditos, listas bibliográficas, e uma sinopse cronológica, abranger seiscentas e tantas páginas — as partes que pessoalmente li e reli com mais vivo prazer, não são as que versam sôbre as complexàs e variadíssimas peripécias da vida oficial, militar e diplomática, do biografado; nem são as que tratam discretamente das suas misteriosas aventuras de amor, de consequências tão injustamente desastrosas que para sempre lhe selaram nos lábios, virilmente eloqùentes, o suspiro angustioso: *Porquê? Quare? Quare?*

O que mais particularmente prendeu a minha atenção nos nove capítulos do Esboço, na Sinopse e nos Documentos, são as páginas e as notas relativàs às obras literárias do activíssimo fidalgo português, velho e relho, que, numa mão a espada, e noutra a pena, quantas horas *vivia* entre guerras e naufrágios, mas sobretudo no destêrro e na prisão, carregado mesmo de ferros, tantas *escrevia*. Escrevia obras magistrais muito variadas que fazem dêle, depois de Quevedo, o vulto mais engenhoso e mais fecundo que a Península pro-

duziu no século XVII: distinto em todas as suas produções pela inata gentileza espiritual, mas admiravel sobretudo por haver atingido nas melhores, como prosador e como poeta, os encantos da *naturalidade,* na própria idade áurea do gongorismo e conceitismo que sobremaneira nos enfada, tanto nas galas da *Feniz Renascida,* como nas empoladas e artificiosas banalidades das Academias dos Singulares e Generosos, em cujos altares D. FRANCISCO MANUEL de resto também pontificara no princípio da sua carreira e pontificava às vezes ainda no ocaso da sua vida (1608-1667).

¿ Por que motivo acolhi com tão grato aplauso as notícias relativas às obras do biografado? e em particular às redigidas em português? as notícias sobretudo que se referem às *Segundas Tres Musas,* ou seja às *Cartas em redondilhas* e às *Eglogas Morais* em estilo rústico, em que com feliz éxito imitou, por afinidade electiva, o conciso modo de dizer e a filosofia estoica de SÁ DE MIRANDA? as informações quer sôbre a farsa do *Fidalgo Aprendiz,* em que MELO revelou algo da veia còmica de GIL VICENTE, quer sôbre as *Cartas Familiares,* o *Guia de Casados* e, *last not least,* os *Apologos Dialogais?*

Não sòmente porque essas obras são os frutos mais maduros e mimosos da longa experiência, do saber adquirido, e do talento maleável do seu autor: portuguesíssimas pelo assunto e pela forma, amenizadas como estão com todas as delicadezas e todas as ousadias, até mesmo com as indecências graciosas da linguagem familiar, de sorte que constituem, com os seus anexins e contos, suas anedoctas humorísticas e alusões a práticas e costumeiras populares, uma verdadeira mina de curiosidades para o folklorista, o lingùista, e o historiador da sociedade e das literaturas hispânicas.

Prefiro as páginas do *Esboço,* dedicadas a essas obras-primas, porque tiro delas a fé e a esperança, a quási certeza,

que o biógrafo, amoroso do assunto, com o qual se familiarizou em dez anos de trato intimo, continuará a ocupar-se dêsses textos valiosos que já lhe ministraram notas autobiográficas, e terminará o que está preparando: a edição critica e comentada das *Obras Portuguesas de D. Francisco Manuel,* de que tanto, tanto precisamos.

¡Oxalá a Academia das Sciências de Lisboa, à qual se deve a impressão do *Esbôço,* resolva dar, sem demora, um impulso à magna empresa!

E que o encarregado a principie com os *Apólogos* desde já, para que, em breve, muitos se possam instruir e recrear com textos limpos e bem ilustrados dessas fabulações vivas, coloridas e originais de crítica sociológica e literária, que talvez sejam as mais ricas que a arte nacional possue!

Bem sei que a tarefa é difícil.

Os originais desapareceram. A edição príncipe dos *Apólogos* é póstuma, e muito errada, comquanto não fosse feita com o desleixo inaudito que quási inutiliza as *Segundas Três Musas.* A única reimpressão que se realizou em dois séculos (e que devemos à Biblioteca de Clássicos Portugueses, 1900) é-lhe inferior ainda, pois está deturpada com inúmeros erros, peculiarmente de nomes próprios e ditos alheios (1).

Uns e outros e numerosas alusões e referências a factos e personagens coevos, nem sempre de primeira plana, exigem comentário.

É de crer e de esperar todavia que dentro da ilustre corporação, e fora dela, haja quem gostosamente auxilie o valente lusófilo, se êle quiser prestar ao país mais êsse grande serviço.

O óbolo com que posso contribuir para a realização do

---

(1) Sirva-me de exemplo o dito de Apeles: *Nenhum dia seu tinha* (II, 109) ou *jurar in verbo magistri* (*ibid.*, 89).

plano é muito modesto. Valha-me, como à viuva do Evangelho, a devoção e a espontaneidade com que começo a ofertá-lo.

*

Manuscritos autógrafos de que Edgar Prestage não saiba coisa alguma, não os posso apontar, infelizmente.

Nem tão pouco apógrafos autenticados *do século XVII.*

Só traslados do princípio do século XVIII, existentes em Coimbra, Évora e Porto. E mesmo esses, não lhe são totalmente desconhecidos. Por serem do século XVIII, desconfia contudo dêles. Sem motivo, a meu vêr, sobretudo quanto aos *Apólogos*. A própria edição-príncipe, aceite como fidedigna por todos os entendidos, já não foi tirada de originais. Representa apenas a mais extensa das numerosíssimas cópias que corriam em 1721 pelas mãos dos amigos e admiradores de D. Francisco Manuel: quási tantas como podiam correr impressos, segundo diz o livreiro-editor Matias Pereira da Silva, com evidente exagero. Os censores, que confirmam o facto, não ignoravam que todas tinham defeitos, inclusivé a que serviu para a impressão.

Sendo assim, não é apenas permitido, é fôrçoso confrontarmos os exemplares manuscritos, que perduram, com o texto impresso, a vêr se lhe são superiores em algo, e nos ajudam na reconstituição crítica do original perdido.

Aqui darei conta das Miscelâneas da Biblioteca de Coimbra, que contêm *Apólogos* de Melo. Ao todo ha ali nove manuscritos apógrafos com produções dêle, e mais um volume tido em conta de autógrafo: o tratado castelhano sôbre *Politica Militar y Avisos de Generales* (Madrid, 1627).

Isso vê-se, com algum trabalho, no excelente Catálogo dos Manuscritos, publicado nos doze volumes do *Arquivo Bibliográfico,* sob a direcção inteligente e prestigiosa do

professor Mendes dos Remédios, com a cooperação erudita do Dr. A. Simões de Castro, e continuado desde Janeiro do ano corrente nêste *Boletim*.

No vol. II do *Arquivo* a pág. 74 trata-se do Ms. 114 que contêm materiais importantes para a história da *Academia dos Generosos*. Esse já foi explorado conscienciosamente por Prestage (vid. pág. 302 e seg. do *Esbôço*). De D. Francisco Manuel contêm uma *Apóstrofe Panegírica de despedida*; uma *Oração poética* e um *Kalendário Académico*.

No vol. III, pag. 124, descreve-se o Ms. 207. Nêle ha o *Apólogo Dialogal* (2.º) do *Escritório Avarento*.

No vol. IV, pág. 90, fala-se do Ms. 324, que contêm versos de Melo.

No mesmo, a pág. 170, ha notícias relativas ao Ms. 342, em que figura a *Visita das Fontes*.

Ainda no mesmo, a pág. 138, trata-se do Ms. 338 em que se encontra a *Epístola Declamatória a D. Teodósio*, a *Visita das Fontes*, o *Escritório Avarento* e o *Hospital das Letras* (êste último incompleto).

No vol. V estão registados a pág. 42, 144 e 160 os Mss. 359, 390 e 392 com algumas poesias do grande poligrafo.

No VI, a pág. 10, o Ms. 399, *idem*.

No VIII, finalmente, a pág. 77, menciona-se a *Política Militar*.

No *Boletim* tratar-se-ha, em tempo devido, do Ms. 524 e do *Tácito Português*, que encerra, e do 601, em que se repete a *Carta Declamatória*.

Prestage, que aproveitou, conforme já disse, o Ms. 114, cita os códices quási todos (a pág. 610), mas rápidamente.

Em três ha *Apólogos*. O *Escritório Avarento* figura em dois (Ms. 207 e 338): a *Visita das Fontes* tambêm (338 e 342); o *Hospital das Letras* num só (338). O mais bem fadado é evidentemente o Ms. 338, cópia, e cópia bem feita (a meu vêr), de um autógrafo ou apógrafo, mandado do

Brasil em 1657 e que portanto representa primeiras redacções.

Faltam os *Relógios Falantes;* e falta a *Feira dos Anexins.*

A respeito de ambos êsses Apólogos, tenho de fazer uma observação.

O Apólogo dos *Relógios Falantes* é o primeiro, cronológicamente. Já estava pronto quando o autor teve de partir para o Brasil (17 de Abril de 1655). A dedicatória ao Doutor António de Sousa Tavares é datada de 20 de Setembro de 1654, e quanto ao lugar, vagamente, de *Aldeia.* Esses dados faltam, por maravilha, na Sinopse de Prestage, e faltam no *Esbôço* (pág. 257), entre as provas da actividade pasmosa, que D. Francisco desenvolveu nos anos em que «de menagem» sob sua palavra de gentil homem, pôde sair da prisão e estacionar ora em Belas, ora na Luz, ora na sua Quinta de Alcântara, no reguengo de Algés; ora em *Aldeia,* se esse termo fôr, como creio, nome topográfico.

A data indicada parece-me importante, porque torna crível que o plano geral dos *Apólogos* e a coleccionação de materiais para êles, fôsse feita ainda em Lisboa, de 1650 a 55, quando o autor planeava uma *Biblioteca Lusitana* e um *Parnaso Poético Português.*

O Apólogo 2.º, do *Escritório Avarento,* foi redigido na Bahia, onde D. Francisco assinou a Dedicatória a Nuno da Cunha de Eça, a 13 de Novembro de 1655.

O Apólogo do *Hospital das Letras,* que costuma ocupar o quarto lugar, foi ultimado a 10 de Setembro de 1657, provavelmente tambêm na Bahia.

O terceiro, a *Visita das Fontes,* oferecido a Cristóvam Soares de Abreu, em carta sem data, deve ser de 1656, pois fôra a composição dessa obra em que o génio de Melo subiu ao ponto mais alto, que o consolou («lhe fez boa companhia») quando «desterrado no destêrro» teve de curtir

saùdades e solidões longe da Bahia, entre a porfia dêstes mares e a aspereza «destas brenhas» (1), talvez em alguma ilha próxima, de praias desertas (vid. *Esbôço*, pág. 284 e seg.). Á profunda melancolia que então se apossou do poeta, abatido, perseguido e achacoso, abriu êle prudentemente «duas fontes», fazendo assim frente com valor aos acintes da Fortuna.

Não creio que essas «duas fontes» — antes do que sonhos, delírios de um desvelado — sejam as que falam na *Visita*. Estas valem por uma só, na economia bibliográfica. A outra, também engraçadíssima, é, salvo êrro, a *Feira dos Anexins*. Ela não tem dedicatória especial, nem data, como sabem os veneradores de D. FRANCISCO.

Tenho-a em conta de *Apólogo Dialogal 4.º*, e por isso mesmo deixei de a citar mais acima, na referência às obras portuguesas, de interesse geral, cuja edição crítica e comentada espero vêr. Não procedo assim, arbitráriamente. Cinjo-me às ordens do próprio autor. A *Feira* não está na lista de escritos seus que acompanha as *Obras Morales* (1664) e foi aproveitada por PRESTAGE (pág. 590 e seg.). Mas está, em lugar significativo, na primeira lista que em 1657 havia intercalado, muito oportunamente, no *Hospital das Letras* (2). O trecho final dessa lista (famosa matraca, no dizer pitoresco de MELO) tem na edição impressa o teor seguinte: «*Os Apologos Moraes dos Relogios Falantes, do Escritorio Avarento, da Visita das Fontes, da Feira dos Anexins e este do Hospital das Letras que mais estimo que*

(1) O impresso tem *penhas*.

(2) PRESTAGE não a desconhece. Citou-a no primeiro opúsculo que em 1905 dedicou ao seu biografado *Dom Francisco Manoel de Mello: His Life and Writings, with Extracts from the Letter of Guidance to Married Man*, Manchester, 1905, pág. 25, nota 35. E menciona-a no *Esbôço* (pág. 288). Mas não a utilizou na elaboração do seu Catálogo. Tenciono imprimi-la integralmente na continuação dêste artigo.

todos». No texto inédito, contido no Ms. 338, há depois de *Feira dos Anexins* o título de ainda outro *Apólogo*, desconhecido: *o Cabido dos Coches*, e (depois de *todos*) o acrescento *os quaes juntos farão hum justo volume de um livro.*

Julgo que isso é claro, e que o futuro editor o deve ter em consideração, colocando a *Feira* entre a *Visita* e o *Hospital*. E julgo que portanto a *Feira dos Anexins*, cujo scenário é o Rocio de Lisboa, e a *Visita* feita pela Fonte Velha do mesmo Rocio à Fonte Nova do Terreiro do Paço, são os dois frutos saborosos que o destêrro no destêrro nos rendeu: as «duas fontes» em que Melo deu vasão à negra melancolia, e que juntos mandou ao amigo. Na Carta Dedicatória não há todavia frase alguma relativa à *Feira dos Anexins.*

Em todo o caso um ponto fica doravante fora de dúvida: D. Francisco Manuel, seguindo tambêm nisso o exemplo de Sá de Miranda, emendava bastante, incapaz (como todos os que escrevem) de copiar ou de reler produções suas, sem os aperfeiçoar (ou des-aperfeiçoar) com *limae labor et mora,* segundo a regra horaciana.

O manuscrito original, ou antes um manuscrito original da *Visita das Fontes,* estava a 16 de Junho de 1663, entre as mãos de A. L. de Azevedo, fiel conselheiro e colaborador do autor na coleccionação das *Cartas Familiares*, conforme se vê na 37.ª das que foram publicadas por Prestage em 1911.

*

O Ms. 338 é um grosso in-quarto de 500 folhas, de 15×21 centímetros, encadernado em carneira castanha, já muito gasta. Na lombada lê-se: *Obras Varias*. Essas *Obras* são prosas e versos, em português, castelhano e latim, de assuntos muito desiguais e de letra muito diversa, parte inéditas, parte hoje impressas. No interior da capa está duas vezes o nome *Alvaro Pereira da Motta*. ¿Seria o coleccionador

dos opúsculos? Ignoro se há relações de parentesco entre Pereira da Motta, o Motta e Silva ao qual D. Francisco dedicou a *Aula Política,* e o Pereira da Silva que editou os *Apólogos.*

Os tratados de D. Francisco Manuel estão escritos com tinta amarelada na grafia de 1650 a 1700, e com as abreviaturas do costume, por um só copista, bastante cuidadoso.

Eles preenchem as primeiras 94 folhas do volume, com exclusão da 7v e 8v (com mais cinco linhas na fol. 8v), nas quais vai uma *Tabela* com *Explicações para fazer versos latinos quem não sabe latim* — sem nome de autor.

Á *Epístola Declamatória ao Príncipe D. Teodósio,* impressa, com alguma diferença, na *Aula Política* (Lisboa, 1720, por M. Pereira da Silva), segue-se a *Visita das Fontes,* de fol. 9 a 41v; o *Escritório Avarento,* de 42 a 63; o *Hospital das Letras,* de 66 a 94v. Este ficou interrompido, (repito-o) no meio de uma página e mesmo de uma proposição, logo após a lista de *Livros, Tratados, Relações, Comédias, Novelas* da lavra de Melo, a que já aludi.

No *Catálogo dos Manuscritos Conimbricenses* está registado o facto de todos os quatro escritos terem variantes. Em bastantes das páginas do texto, um dos dois informadores sublinhou mesmo discretamente os vocábulos que divergem dos impressos; mas, por não haver encontrado na scena inicial da *Visita* senão divergências pouco incisivas, desistiu do confronto integral e não chegou a apurar a relativa independência das scenas sucessivas, e portanto o alto valor dessa redacção. Ela é bastante mais curta e concisa do que a impressa em 1721. Ocupa trinta e três folhas, ou sessenta e seis páginas, a trinta e duas, ou trinta e três linhas cada uma: só duas mil linhas portanto, de dez a doze palavras, contra 167 páginas de 27 a 28 linhas ou quatro mil e quinhentas do impresso. Faltam-lhe vários discursos e excursos longos. Por ex. o da Fonte Velha sôbre modernismos linguísticos, isto é,

sôbre os galicismos introduzidos pela soldadesca francesa; a amarga sátira de Apolo sôbre os fidalgos de 1650; e no fim, toda a dissertação sôbre as damas do paço, as regras apertadas da religião da palacianidade e sôbre a epistolografia em verso, com *cabeças de motes*, que costumava ser então prelúdio de noivados do paço.

Esse trecho, mera paráfrase das indicações dadas por D. Francisco de Portugal na sua *Arte de Galanteria*, foi, parece, acrescentado ao Diálogo (aliás isento do elemento feminil), para que êle acabasse em casamento, como comédia, ao passo que na redacção primitiva, mais espontânea, e às vezes mesmo descuidada do Ms. 338, êle termina quási como tragédia, com trenos sôbre as injustiças da Justiça e sôbre a Mofina do prêso, perseguido e sem amigo, segundo o ditado popular, e segundo a triste experiência de D. Francisco Manuel.

A repartição das matérias entre os interlocutores é diversa; o diálogo às vezes mais vivo, embora também tenha longuras. ¿Se o conjunto é superior ou inferior? Não sei dizê-lo. Só depois de estar impresso, é que se poderá estabelecer o paralelo conscienciosamente.

Em ambas as redacções a *Visita das Fontes* parece-me ser não só a mais política, civil e galante, mas também a mais dramática das obras de Melo. E não sou a única pessoa que a classifica assim. Menendez y Pelayo tinha grande predilecção por êste *Apólogo*. O Dr. Mendes dos Remédios opina que a crítica às personagens é nêle por tal maneira repleta de amenidade, o diálogo é tão bem traçado, e tão variado o perpassar das scenas, que a leitura faz-se seguidamente, sem cansaço, com grande satisfação e gôzo intelectual. O próprio autor, êsse chama-a «mimosa entre todas», e acrescenta: «certo que me atrevera eu a dizer, se achara este papel de outra pena, que entre as obras de nossos antigos são poucas as dêste género que se lhe adian-

tam». O género lucianesco, entendo eu; o *Diálogo Satírico*, que ensina e recreia com repreensões galantes e moralidade graciosa.

Já me referi ao scenário e aos personagens.

A Fonte Velha do Rocio de Lisboa (a dos seis olhos, que tivera por emblema decorativo um Neptuno com o seu tridente — estatua, a que D. Francisco não alude), a Fonte Velha vai de passeio ao Terreiro do Paço para aí cumprimentar sua sobrinha, a Fonte Nova, filha e sucessora daquêle antiquíssimo *Chafariz del Rei* que, encostado ao muro da cidade, fornecia água aos habitantes da Ribeira nos tempos de D. João I, e talvez já nos de D. Denís.

A data da visita? Logo depois de a Fonte Nova ter sido inaugurada por D. João IV. Em 1653, portanto, ou no ano imediato (1).

Alêm dessas duas Fontes que na sua conversa clara, fresca e espirituosa, denunciam parentesco, longínquo embora, com a Hipocrene das Musas, entra na interlocução. o Deus Apolo, estátua de mármore ou de jaspe, que empunhando a lira encimava o pedestal da Fonte Nova, até o dia em que o terremoto destruiu tudo; e entra tambêm o Soldado que servia de sentinela à Fonte, soldado pobre, mas de modo algum inculto, antes pelo contrário com quatro anos de Coimbra.

Para erguer à altura da palacianidade lisboeta a natural esperteza da *Fonte Nova*, trazida de não muito longe, é que os dois paladinos e a *Velha*, muito *senga* (= *senĭca*, isto é com experiência de velha escarmentada) vão observando e comentando tudo quanto, desde a manhã até a tarde, se passa no Terrreiro, irónicamente chamado «das graças», «a

(1) Vid. Júlio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, pág. 324; Oliveira, *Elementos para a História do Municipio de Lisboa*, vol. v, pág. 344.
Quanto ao *Neptuno*, êle vê-se nos mapas antigos de Lisboa.

patacão»; e vão descrevendo e criticando todos os tipos que entram no Paço ou saem dêle ou se encostam a qualquer das suas janelas.

É um quadro de costumes, variegadíssimos, pintado de mão de mestre.

Lá vem, num andor, o *Grande*, à espanhola, espalhafatoso, ou o Influente, rodeado de numerosa clientela de aderentes e pedintes, não para os proteger como o muro à era, mas sim para com êles aumentar a sua grandeza.

Passa o pretendente namorado; o letrado de óculos e barba, melancólico e com gesto sempre des-satisfeito. Surgem o soldado-clérigo e o religioso-mundano. Vem o arbitrista ou alvitreiro, essa praga do século XVII, tão apressado e desatinado que só com a vista dá quebranto. Vem o embaixador lustroso com criadagem de libré; o fidalgo «de fora», ou «lá de riba» onde, nas quatro paredes do seu solar em ruinas, era senhor de um gomil de prata com prato de bastiões e de um cartapácio de linhagens, riqueza com que mudou para a capital, afim de casar. Aparece o homem de confrarias, hipócrita e parasita; o governador de ultramar; o gramático com fundilhos de poeta. Veem coches de luxo; e vem finalmente o prêso e perseguido a que já aludi. Toda uma galeria de tipos, focados destramente pelos quatro interlocutores que lhes assestam, em discursos pró e contra, uma saraivada de ditados e anexins, anecdotas, filosofias e citações de sentenças agudas no gôsto de SÁ DE MIRANDA.

Os tipos todos e grande parte dos ditos são comuns ao impresso e ao inédito; mas um e outro contêm partes privativamente suas (1).

---

(1) Aos passos em que MELO gaba o Velho da Tapada, ou cita e parafraseia ditos dêle, já citados por PRESTAGE (pág. 414, nota 1), posso juntar bastantes em que, sem nomear SÁ DE MIRANDA, repete sentenças extraidas de cartas e églogas suas. V. g. *Eu não gabo o não saber.—O*

Da autenticidade dos que são privativos do Ms. 338 não há que duvidar. Têm o cunho do génio de D. Francisco Manuel. Muitos ocorrem mesmo textualmente ou em redacção parecida em outros escritos dêle. Indícios a favor da exactidão do copista são os pequenos espaços que deixou em branco, onde não percebia o sentido do original (v. g. a fol. 18v e 25). Algumas vezes as lições que transmite servem para corrigirmos êrros da edição de 1721 (*sim* por *fim*). Outras vezes elas estão evidentemente deturpadas, ora a ponto tal que o remédio será difícil, ora tão pouco que é fácil corrigi-las, lendo por ex. *doente* em vez de *diante*, *ourada* em vez de *a criada*.

Vejamos agora alguns trechos inéditos: I e II são meras variantes de partes impressas, III e IV completamente ignoradas até hoje.

I

Fol. 12v. *Fonte Nova.* — Senhora, o dia que he meu, não o desperdiceis com outrem!

Fonte Velha. — Êste moço foi minha tentação.

Soldado. — Dias ha que os moços tentam as velhas.

F. V. — Oh! se ides por ali despeço-vos dos meus favores, porque eu nunqua espalhei margaritas a porcos.

S. — Mais cortezãa palavra esperava eu de hũa Dona nascida no Rocio de Lisboa!

Apollo. — Cahio-me em graça o melindre do soldado! estou para apartar a contenda!

Hum dos mayores desvarios em que deo a gente vulgar foi este da descortezia das palavras, como se fosse mais honesto o nome *boy* que *porco*, ou *cavallo* que *asno*, ou fossem menos merecedores de andar nas lembranças das gentes estes dous animais inocentissimos e proveitosos; que de todos os de que usão os homens, de nenhuns outros tirão mayor proveito nem menos damno. Nenhum asno derubou alguem, e já

---

direito entre os esquerdos parece parvo ao reves. — Onde me acolherei? tudo he tomado, etc. etc.

muitos cavallos forão traydores e homicidas, como aquelle maldito que em Alfange de Santarem tropeçou e matou o Principe D. Affonso; e já outro ruão despenhara o infelice rey D. João o primeiro de Castella, nascido para pacifico rey de Hespanha inteira.

Pois dos *porcos* jamais vi queixa, depois daquelle caso desastrado que aconteceo a Adonis sem-ventura. E logo não ha anno que os touros não fação pelo mundo mil tourarias, depois que se inventou aquella solemne parvoice, feita hum tempo Africana, e depois Goda. Bem notou o que notou que quando se diz *ladrão, mentiroso* e *infame*, ninguem pede perdão, como se lhes forão aos homens palavras doces e decentes, e só para o pobre do *asno* innocente, e o triste *porco* simples, que nunca fizerão mal a ninguem, mas a muitos muito bem, se fizerão os perdões e as desculpas.

Se por algũa cousa desejo de tornar a ser gente he [para] reformar as Cortes do Parnaso, castigando nellas as falsas relações de Trajano Boccalino que tantos testemunhos falsos me levantou em beneficio dos seos Italianos, e por emmendar abusos que estão introduzidos no mundo; e senão, ja me tenho nelle como unha pela carne, porque abusos e povo são nelle unha com carne.

Fol. 13. *F. V.* — Não vos tinha, Senhor Soldado, por tão escrupuloso.

S. — Tenho mais asco do nome deste animal que nomeastes que delle mesmo. Porem quero que saibais que a disciplina militar he a melhor eschola do mundo para se aprenderem gentilezas e policias mais de pressa que nas escholas das letras, porque como a guerra he tão violenta em suas acções, em breve tempo nos ensina muito, e vay variando as materias que nos mostra, pelo que todos os bem nascidos soldados são limpos e advertidos, e cortezãos, e os mais não-ignorantes por ser esta vida larga hum largo corro donde todo o mancebo folga de fazer sua sorte ao touro do mundo. Vedesme assim esfarrapado e desprezivel; pois, sei ler e escrever, cantar, dançar, esgrimir e tenho meos quatro annos de Coimbra como qualquer peccador, quanto mais que os que nascemos nos seus arredores somos como os filhos de Athenas que os desmamavão com a filosofia!

F. V. — Pouco lembrado devia disso ser aquelle licenciado que ha pouco tempo se pos a deshonrar os soldados, trepado em hum livro que, não vi nunqua regateira das camarotas, ou biscainhas do meo Rocio, que desde o seu tabernaculo fallasse mais solta contra o meirinho das [bravas].

S. — Já ouvi isso, e se nos foi elle em osso ao adro, bem sei eu

porque; mas já não deve de ser manha do azougue, que quem bem diz melhor ouve, depois que fallão parvos sem haver parvos que lhe respondão!

(*Cfr.* ed. 1900, II, pág. 18).

II

A. — Hum grande Governador deste reyno (não lhe hey de encubrir o nome pelo não defraudar da gloria que se lhe deve) D. Christovão de Moura todo o tempo que cá foi Visorey e em Castella valido, diz que a ultima pratica que fazia aos que sahião a governar fora dos Reynos era: «Senhor, não quer el Rey que lhe ponhaes melhor a sua cidade ou a sua provincia, ou o seo Reyno daquillo que a achardes». He tentação de homens imprudentes arrojarse logo ao melhoramento da republica. Sucedelhes como aos que fazem obras sobre paredes velhas, que às primeiras camarteladas, tudo vai ao chão.

(Fol. 35 v; = pág. 99 da ed. de 1900).

III

F. N. — E que me quereis vos dizer por esse (fol. 17v) nome alatinado (sc. *Milite glorioso*)? sois por ventura de humor de huns ignorantissimos que guardão a fingida sabidoria para onde ninguem os intenda?

F. V. — Não certo, que he grão mingoa com as ovelhas ser leão tanto nas forças do corpo como nas do ingenho; se não que às vezes acontece armarselhe a algum destes com aboiz de ignorancia e ficar despois pelo pescoço no laço, enforcado como taralhão goloso, como eu já vi suceder a fulano que entre nós era prezado de intendido em todo o mester; pelo menos intitulavase elle por esse. E foi o caso que fallava sobre pinturas com um bargante bem pratico nellas. Ostentou o varão os nomes de grandes mestres antigos e modernos. E o outro, muito sengo, lhe disse: «Não vejo (fol. 18) eu que Vossa Senhoria entre esses Ticianos, Raphaeis, Gregos, Mudos, Oroscos, Carapachos, Luguesos (?) Vandilhos, Espanholetos, Rubens, Tenieres, Cornelios e Rombates (l. Rombouts) nomee tambem o Rom que faz hoje grande obra?» Encravouselhe logo a fantesia, dizendo: «O Rom, Senhor, he grave homem, mas pinta com hũa notavel crueza de que eu muitas vezes o adverti». «Senhor! o Rom que eu conheço, he hũa tinta amarella de que hoje usão os pintores, furtada aos boticarios, porque até agora por purga se conhecia». Remediou então quanto pode seo desvario dizendo: «Si

senhor, eu estava divertido e cuidava que V. M. me dizia o Rombates que he dos famosos de agora».

Por donde nenhum sesudo deve fallar no que não saiba, nem ainda diante dos que não sabem.

F. N. — A este proposito era modesto sobre galante hum meo conhecido que affirmava que no que sabia muitos o poderião vencer, sabendo ainda melhor que elle, mas que em o que não sabia, nunca ja mais havia achado quem lhe ganhasse, porque callava com toda a perfeição aquillo que ignorava!

F. V. — He confiança que só nos sabios se encontra, a confiança de confessar as cousas com o que não são, e ter para si que em seo proprio instituto haverá outros mais peritos.

A. — Á mingoa desses buscava Diogenes à candea os filosophos em Athenas, como agulha em palheiro, podendo achálos mais certos que sal em Setuval.

IV

Folh. 38. *F. N.*—Mas dizeime, *Senhora,* essa outra gente que chamão poetas, he tão proluxa, e escusada no mundo como os grammaticos?

F. V. — Escusada, tanto mais; proluxa, pouco menos! Os poetas são como os metaes que, se não são muito finos, he a mais sem sabor cousa do mundo.

S. — Não; muito differentes são, com vossa licença, melões e poetas; porque lá nos melões, se são ruins, se lançam (os melões) às cavalgaduras; e quá nos poetas, se são ruins, lanção as cavalgaduras aos poetas.

F. N. — Pois para que se sofre na republica essa praga?

F. V. — Vay entre as outras.

F. N. — Isso foi sempre assim?

F. V. — Não, que (ja) neste reyno e noutras partes houve já muitos de grande descrição.

F. V. — E quando haveria tantos?

F. V. — Quando havia poucos! Todo o anno de muita fruta, he meuda e desenxabida!

F. N. — Quaes forão cá entre nós os de mais cousa?

F. V. — Tendes razão de preguntar, que poetas e fontes sempre mantiverão jogo.

A. — Agora não sofrerei eu que vós conteis os poetas famosos de Portugal, que passarão de cento; farei eu só delles a conta de contos com a minha taboada!

F. N. — Folgarei eu de vos ouvir.

A. — Não direi todos, mas só os nomes dos que trago nas mininas da lembrança!

S. — ... (duas palavras que não decifro).

A. — Antes de Francisco de Saa de Miranda muitos houve: mas (fol. 38v) eu começo neste, porque quem pranta vinha de novo, convem procurá-la de boa cepa. Foi filosofo, e em consoantes. Gil Vicente tenho por mestre das comedias vulgares; e dos versos namorados (e) nenhum me parece mayor que Jorge de Montemayor. Antonio Prestes nos seos autos (os) faz de grande cortesão; e diante da trombeta e da lyra de Camões não soavão outros semelhantes instrumentos. Martim de Seixas só cantou de camara com voz assaz discreta. Pouco depois Francisco Roiz Lobo que nas sylvas do Parnaso fez boas presas. Cessou huns annos esta liberalidade das Musas que despois não forão escusas (ou *escassas?*) com o celebrado Lereno de Francisco Roiz Lobo que viveo (e morreo) docemente cantando os rios Lis e Lena e [morreo] (morrendo) entre as agoas doces do nosso rio Tejo. O Conde de Val dos Reys Nuno de Mendonça pode ser Conde e Rey entre os versistas, como amigo e discipulo do famoso Aragones Bartolomeu Leonardo. Fernão Correa de Lacerda, Francisco Correa Baharem, Gabriel Pereira, sendo de hum tempo, poderão prefazer o dote aos Nove da Fama. E se quisesse, mais achara a Vasco Moisinho que na regular observancia do ...ismo heroico, poucos se lhe avantajão dos vulgares. Manuel de Faria e Sousa em copia e erudição se iguala com os melhores; menos contheudo mas não menos [...] Gonçalo de Lucena de Carvalho, João Baptista Garfião sobre os mais; mais erudito D. Agostinho Manuel, florido em prosa e verso; e nos versos do moderno estylo com a aprovação de Gongora seu autor, nenhum diante de Antonio Gomes de Oliveira cujos versos respeitou o castelhano. D. Bernarda de Lacerda e Violante do Ceó, ambas do ceo da poesia poderão ser nortes. E dos ultimos fez versos galantes Antonio Alvarez Soares, deixando para o cabo da mesa como as melhores iguarias Paulo Gonzalvez de Andrade, a quem em formosura de frases, gala em conceitos, nenhum passou adiante. Pelos requebros de cortesania ¿ quem não estimaria D. Francisco de Portugal? e quem pela graciosidade poderá esquecer-se de Jorge da Camara e D. Thomaz de Noronha, cujo igual não conheci, pois nelle a natureza zombou da arte e elle zombando de tudo levantou os primores da arte e natureza.

F. V. — Parece-me, vos esquecestes de muitos que conheço, e entre os mais do Gallego de quem no vosso *Loureiro*, ou seu *Laurel*, se não esquece Lopo *(sic)* da Vega.

A. — Nunca ouvi que Gallegos fossem bons senão para alcaydes; mas esse por ventura será ainda vivo; e nós não sabemos por ley os nomes a poetas que comem e bebem.

S. — Por isso me não nomeou! porque emfim «alfim se canta la gloria». Hora, eu appello por mim e pelos mais que ficarão de fóra!

F. N. — Pois os que vivem não são gente?

A. — Antes porque o são, não estão muitos no rol da casa; porque haveis de saber que os poetas não são gente.

S. — Por mais? ou por menos?

A. — Por mais, como afirmou Ovidio que Deus estava nelles, e delles fallavão os Deuses antiguamente.

F. N. — Gram dignidade!

F. V. — E nos de agora, será o mesmo?

A. — Assim será se elles o merecerem; mas ouço dizer, não sem desconsolação minha, que não florecem hoje entre nós sujeitos de que se promete grande nome.

F. V. — Ireis vendo.

S. — Este parece que não sabe a historia do estudante castelhano, quando a may lhe recomendava muito que aprendesse porque Deus lhe desse alguma boa ventura, ao que elle respondeo: «*Senhora Madre: canto (= quanto) sabemos para lo poco que Dios nos da*»!

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

D. Francisco Manuel de Melo

Notas relativas a manuscritos
da Biblioteca da Universidade de Coimbra

II

Imprensa da Universidade
Coimbra — 1915

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

Notas relativas a manuscritos
da Biblioteca da Universidade de Coimbra

II

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

D. Francisco Manuel de Melo

Notas relativas a manuscritos
da Biblioteca da Universidade de Coimbra

II

Imprensa da Universidade
Coimbra — 1915

SEPARATA

DO

Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra,

vol. II, n.º 1 e 2.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

NOTAS RELATIVAS A MANUSCRITOS DA BIBLIOTECA DA UNIVESSIDADE DE COIMBRA

II

Reservando o *Escritório Avarento* para outro artigo, passo da engraçada *Visita das Fontes* ao grave *Hospital das Letras*.

Mostrei como na redacção primitiva do *3.º Diálogo Moral*, cujo scenário é o Terreiro do Paço em Lisboa, a conversa festiva entre as Fontes e Apolo, como génio da sabedoria e guarda da Fonte Nova, desandara muito naturalmente em preguntas e respostas relativas a letras e letrados. Mas só de passagem, onde o permitia, ou exigia, o tema principal (os tipos marcantes da sociedade lisboeta nos começos do novo reino); isto é, no momento em que alguns Intelectuais passavam naquele movimentado teatro público da capital, à vista dos Interlocutores.

O *Diálogo 4.º* é, pelo contrário, dedicado integralmente ao mesmo assunto: à arte divina e seus representantes afamados ou dignos de fama. Em lugar de meia-fôlha de juízos apodícticos, temos nêle um livro inteiro de pelo menos cem páginas: um livro que equivale a uma livraria.

A curta lista, por mim reproduzida (1) de vinte e tantos

(1) Na reprodução do passo inédito há uma gralha detestável que deturpa o sentido. No § IV, l. 4, queiram lêr *melões* em lugar de *metaes*.

Portugueses coevos de D. Francisco Manuel (1), que o Musagete «trazia na menina dos olhos» fôra, a meu vêr, um simples esbôço de Catálogo razoado: a primeira eclosão das doutrinas literárias que íam germinando no cérebro e no coração do notável seiscentista; a célula geradora de que breve se desprendeu fruto tão opimo que o próprio autor o considera como o melhor da sua abundante colheita. E com êle concorda a posteridade em geral.

A *Visita das Fontes* foi escrita no Brasil, em 1656, a alguma distância da Bahia; também já o mostrei no primeiro artigo. O *Hospital* foi elaborado no ano imediato; provavelmente na Biblioteca da Companhia de Jesus daquela cidade industriosa, segundo conjectura plausível de E. Prestage. A fórmula *nesta santa casa,* empregada por um dos interlocutores, não é indício decisivo. Verdadeiros devotos podiam empregá-la em qualquer livraria, ou em qualquer *Museu,* como se dizia então; e se a aplicarmos àquela em que se passa a scena, é em Lisboa que a devemos procurar.

A última parte do Apólogo parece-me ter sido composta, como o Prólogo, num verdadeiro Hospital: na enfermaria da Ordem, onde moléstias do novo clima (contraídas nas solidões e saudades ásperas da deserta e penhascosa praia que lhe fôra destêrro no destêrro) haviam postrado o lutador, sempre perseguido, sem comtudo conseguirem amofinar ou paralisar a sua incansável energia espiritual.

A *Dedicatória* ao sapientíssimo varão Daniel Pinario *(sic;* por *Pinheiro?),* professor das sciências divinas e humanas, de quem D. Francisco, com desejos de vêr breve a fortuna da obra predilecta, solicita passaporte de aprovação, é datada vagamente *Em um leito, 10 de Setembro de 1657.* O destêrro no destêrro e a moléstia (ou moléstias) a que

---

(1) Isso vale só dos Nove da Fama (mal contados), e dos que se lhe seguem na lista. — Bartolomé Leonardo (de Argensola) é o único Não-português citado.

devemos três (ou quatro) *Apólogos* (1) e uma das *Epanáforas*, deve ter principiado antes da elaboração da *Visita*. Não pode por isso ser consequência da *Interrogação Inquisitorial* a que MELO teve de sujeitar-se em 28 de Julho de 1657. Mas essa podia ser episodio relacionado com o destêrro; e consequência dela a estada em edifícios da *Companhia*, quer voluntária, quer involuntária. Assim mesmo a praia deserta de Monserrate, a uma légua de distância de S. Salvador da Bahia, de onde a 5 de Fevereiro de 1657 D. FRANCISCO datou a *Dedicatória da Epanáfora Trágica* (2.ª, o *Naufrágio da Armada Portuguesa em França no ano de 1627*), bem podia ser o lugar do destêrro (2).

Não acredito num borrão, trazido pronto do reino, só por limar. Apenas creio em listas de nomes e títulos, e em apontamentos pouco a pouco coleccionados criteriosamente quando D. FRANCISCO pensava num *Parnaso Português* e numa *Biblioteca Lusitana*. Sobretudo creio na acumulação de conhecimentos como fruto de vastíssimas e variadíssimas leituras, bem meditadas, na longa e paciente laboriosidade a que se viu obrigado durante nove anos de reclusão, depois de já numa vida activíssima de diplomata, de militar, e de cortesão, haver colhido experimentalmente, em contacto directo, tanto nos reinos peninsulares como no estrangeiro, com espíritos de primeira plana, noções profundas da alma humana e dos caracteres e costumes do Bom Europeu de 1600. Creio numa memória prodigiosa em que se fixaram nomes, factos, ideias, doutrinas, anecdotas, ditos e tipos em tal abundância que forçosamente haviam de impelir o escritor a coordená-los e exteriorizá-los. E creio que os textos, en-

(1) O *Cabido dos Coches* perdeu-se; ou nunca saiu do limbo dos *planos*.

(2) Embora o autor do *Esbôço* se esforçasse em esclarecer a fase brasileira da vida de D. FRANCISCO, ainda restam escuridades. O passo da p. 285 que principia *Pouco depois* deverá sofrer ligeira alteração, quanto a essa fórmula adverbial, *se eu tiver razão com as minhas suposições*.

viados do Brasil ao reino, conforme íam saindo da sua lavra, afim de serem revistados por amigos e logo publicados, sofreram realmente retoques. Da *Visita das Fontes* tirou-se a página relativa a letras e letrados, como inútil. O *Hospital* também sofreu numerosas alterações. Mas elas são menos incisivas do que na *Visita*.

*

A invenção ou ficção do *4.º Apólogo* consiste no seguinte. Uma livraria ideal, bem fornecida de livros e manuscritos, na maioria portugueses e castelhanos, na minoria italianos, franceses, latinos tanto modernos como da antiguidade clássica, está transformada em *Hospital,* ou *Casa de Saude*. Essa livraria é colocada vagamente «neste reino», «nesta côrte»: em Lisboa portanto (1). Segundo decisão tomada no Tribunal da Relação das Côrtes do Parnaso reune-se nela uma junta de médicos. D. Francisco Manuel de Melo preside.

Toma o pulso a todos os doentes cujas vozes aflitivas chegam aos seus ouvidos. Com três colegas eruditos discute a doença. Em seguida separam os autores que, apesar dos seus queixumes, estão de perfeita saude, dos incuráveis, que isolam. E receitam remédios aos enfermos: emplastros e purgantes aos de pouca gravidade, ventosas, escarificações, ou tratamentos mais incisivos, aos aleijados e doentes de perigo.

Os letrados escolhidos para assistentes de Melo são personagens históricos: humanistas e polígrafos como êle. Todos saíram mais ou menos fora dos limites estreitos da sciência acreditada do seu tempo, pelo seu saber, seu filosofar, e a originalidade ou exquisitice do seu temperamento. Todos foram educados por Jesuitas, mas não ingressaram

(1) No frontispício se diz claramente: *He scena hũa livraria de Lisboa.*

na Ordem. Todos sofreram pela independência do seu estro satírico: os dois peninsulares, prisão e destêrro; o Italiano, a morte; o Belga, as tristezas de longas peregrinações e perseguições. Todos tiveram a mania de lêr muito; um livro novo cada dia. Ocuparam-se sobretudo de sciências políticas e morais, cujos arcanos lhes eram familiares. Repreensores honestos e severos de vícios, de costumes ridículos, ora burla-burlando, ora em ferro em brasa, ambicionaram dar a todas as suas ideias a possível concisão, revestindo-as de metáforas requintadas e in-vulgares. Tendo bebido os mesmos ares, estavam saturados dos bacilos daquêle *conceitismo agudo* que caracteriza a primeira metade do século XVII, e foi contraveneno para o bombástico *gongorismo* que no último quartel do século anterior fôra invadindo a Europa inteira. Contraveneno que, alêm do efeito salutar de substituir palavras oucas e enfáticas por *ideias,* produziu o efeito oposto, tambêm prejudicial, de sóbrecarregar os textos de pensamentos que gemem de apertados. O discretear demasiado tornou o estilo escuro, ininteligível para o comum dos leitores. Mesmo os títulos das obras literárias ostentavam invencionices amaneiradas (1).

Todos os quatro escritores eram portanto correligionários. Tinham os mesmos ideais, as mesmas qualidades, os mesmos defeitos, com diferença embora.

Mais do que isso: os personagens, entre os quais MELO distribuiu os seus juízos àcêrca de mais de um cento de poetas (2), historiadores e políticos, na maior parte peninsulares, na minoria italianos, franceses, escoceses, mas tambêm

(1) Nesse estilo *sincopal*, as palavras *calçam menos pontos do que seus pés pediam* para empregarmos um dos dizeres de MELO. O escritor ora suprime o *caso*, o exemplo que havia de ilustrar o *discurso;* ora suprime o *discurso*, dando apenas o exemplo.

(2) Poetas líricos, épicos, didácticos. Os Dramaturgos foram excluidos quási por inteiro. O mesmo vale dos Novelistas.

latinos e gregos da antiguidade, eram mais velhos que MELO. Eram mestres dos quais aprendera muito.

Isso vale sobretudo de um: do mais notável dos três. Vale do ingenhoso Castelhano, *D. Francisco de Quevedo y Villegas,* cujo amigo pessoal e correspondente o Português fôra durante dez anos (1).

O segundo é Italiano: *Trajano Boccalini* (Bocalino em português).

O terceiro é Belga de nascimento, mas cosmopolita pelas vicissitudes da sua vida: *Justo Lipsio.*

Este, o mais vêlho do grupo (2), relacionado com QUEVEDO e BOCALINO, fôra na sua mocidade secretário de Granvela que o levou a Roma; depois foi professor na Alemanha (em Jena), em França (Paris), na Holanda (em Lovaina), e pretendido ainda por muitas outras Universidades como outrora ERASMO. Ele aplicou a sua clarividência crítica sobretudo a textos latinos (*Tácito, Séneca,* etc.). A sua fisionomia foi transmitida à posteridade por PEDRO PAULO RUBENS. Entre as suas obras há, alêm de *Cartas* importantes, três que tiveram grande voga: uma *Política* (*Politicorum Libri sex*, 1589) (3), uma *Religião* (*De una Religione,* Leyde, 1591), defesa entusiástica do catolicismo, e uma *Filosofia Estoica.* Com CASAUBONUS e ESCALÍGERO formava o triumvirato erudito do século XVI. Ainda hoje vale dêle a sentença: *valde iuvit literas.* De carácter fôra pouco firme; frívolo na mocidade, austero, estóico na virilidade; ora protestante, ora católico. Como literato é bastante sêco. Detestava a música. A sua vida não teve nada de artística, se

(1) MELO emprega a forma carinhosa *o meu Quevedo* em um dos muitos passos em que o menciona.

(2) LÍPSIO viveu de 1547 a 1606; BOCALINO de 1556 a 1613; QUEVEDO de 1580 a 1645; MELO de 1608 a 1666; MARINI (ou MARINO), o Gongora italiano, de 1569 a 1625; GRACIAN, de 1601 a 1658.

(3) Há tradução castelhana de 1607 com o título *Los Politicos.*

não quisermos aceitar como tal o seu amor por tulipas e cães.

Trajano Boccalini, manifestou nos *Ragguagli di Parnaso* (1), em *Cinco Relações de diversos acontecimentos europeus*, numa *Pedra de toque dos Políticos*, e na *Secretaria de Apolo*, tal independência de opinião, e crítica tão mordaz que alguns dos feridos o trataram como vil panfletista, linchando-o à pancadaria com sacos de areia, castigo tradicional de Pasquins meridionais (2). Verdade é que perscrutava ferozmente com vidro de aumento os cantos mais reconditos do coração humano, sem dó nem piedade, e chegou a ser o mais completo e perfeito maldizente do seu tempo, *el que más bien supo dezir mal*, a despeito de PIETRO ARETINO que o precedera (3).

Quevedo é muito superior a ambos, como talento e como carácter. É um dos vultos mais distintos da tão abundante e original literatura castelhana. LÍPSIO e BOCALINO são hoje manuseados apenas por eruditos (4). QUEVEDO, pelo contrário, continúa a ser lido e admirado por todos os hispanófilos. Sejam poucos embora os que estudem a *Política de Deus* e mais tratados de filosofia moral e devoção, são muitos os que se deleitam com o vigor juvenalesco e a graça lucianesca das sátiras em que libèrrimamente castiga vícios e destem-

---

(1) A tradução melhor seria *Noticias* ou *Informações do Parnaso* Os Castelhanos escreviam *Ragallos*. Isso é *Ragalhos*. — *Regalos*, como imprimiram os Portugueses, parece-me disparate. O substantivo italiano *ragguaglio*, derivado de *aequale* (igual), tem diversos significados: *comparação*, *conformação*, *ajuste*, *relação*, *relatório*, *informação*.

(2) Esses *sacos de areia* entram em duas lendas literárias, relativas a Portugal: Uma refere-se a FRANCISCO DE MORAIS; outra a DAMIÃO DE GOES.

(3) Todo o mundo conhece o epitáfio ideado para esse escritor, de infame celebridade. *Qui giace l'Aretin, poeta tosco Chi disse mal d'ognun fuora di Cristo, Scusando-si col dir: no lo conosco.*

(4) Acabo de verificar que o nome de BOCCALINI nem mesmo é mencionado na *História da literatura italiana*, de FORNACIARI, nem na de GASPARY. Quanto a LÍPSIO, êle figura com as honras devidas na *Biographie Nationale de Belgique* e na *Bibliotheca Belgica*.

peros do seu tempo (1). As poesias, sérias e burlescas, distribuidas entre as Nove Musas, a novela picaresca do *Buscon* ou *Gran Tacaño,* e principalmente as humoradas fantásticas ou fantasias morais a que deu o nome de *Sueños,* serão apreciadas emquanto houver língua castelhana (2). Tal é o seu valor como monumento nacional, quanto ao fundo e quanto à forma. Para ser realmente grande, não lhe faltou senão a bondade, a benevolência, o coração quente, como a BOCALINO e LÍPSIO. De robusta e extensa cultura, conhecedor da língua desde a gíria mais baixa até à mais nobre elocução, QUEVEDO deixou-se arrastar todavia bastas vezes pela corrente do mau gôsto da sutil e culta latiniparla da moda, acumulando agudezas exquisitas, cínicas e tétricas.

Sempre estranhei que aos três valentes sucessores de LUCIANO DE SAMOTRACE (3), o autor do *Hospital* não juntasse o tratadista do *Conceitismo.* Isto é: que juntamente com os *Sonhos* de QUEVEDO, as *Notícias parnasianas* de BOCALINO, e as *Críticas* de LÍPSIO (4), não citasse o *Criticon* de BALTASAR GRACIAN e a sua *Agudeza y arte de ingénio.* A alegoria didáctica da vida humana, em que o náufrago Critilo,

---

(1) Os verdadeiros *Sonhos* de QUEVEDO são cinco, impressos em 1627: *El Sueño de las Calaveras — El Alguacil Alguacilado — Las Zahurdas de Pluton -- El Mundo por de dentro — Visita de los Chistes.* Por isso talvez o nosso D. FRANCISCO resolvesse dar o título de *Apólogos* também sòmente a cinco Diálogos morais. Mas como aos *Sueños* se acrescentaram vários Discursos: *(La Fortuna con seso — Casa de locos de amor — El Infierno enmendado),* hesitaria quanto ao desconhecido *Cabido dos Coches.*

(2) Da edição das *Obras Completas* de QUEVEDO, publicada pela *Sociedad de Bibliófilos Andaluces,* recebi por ora apenas três volumes (1897, 1903, 1907).

(3) De LÍPSIO existem também *Sonhos* e *Diálogos.*

(4) Não conheço livro algum que o sagaz crítico publicasse com esse conciso título. Suponho que MELO tinha em mente a *Satyra Menippœa: Somnium, Lusus in nostri aevi criticos,* em que, transportado a um templo de Apolo, LIPSIO ouve os queixumes dos antigos oradores, historiadores, filósofos, juristas e poetas clássicos sôbre a novíssima moda de o Emperador, em vez de Apolo, laurear os excelsos, e de os críticos modernos alterarem *ad libitum* os textos consagrados. A colecção dos seus trabalhos filológicos, a que deu o título de *Opera omnia quae ad criticam proprie spectant,* mal pode ter suscitado o interesse de MELO.

acompanhado do selvagem Ardénio (1) percorre a Espanha e Portugal (2) com olhos de vêr, ouvidos que ouvem, e língua dizedora, foi para a mentalidade de SCHOPENHAUER um dos melhores livros do mundo. Publicado em 1650 e 1653, antes da partida de MELO, é como a *Agudeza y arte de ingenio*, de 1642, semelhante ao *Hospital* e às outras prosas críticas dos *Interlocutores*, tanto nas doutrinas e tendências, como no espírito e no estilo — por ter saído do mesmo ambiente espiritual e das mesmas fontes literárias. Há em todas, já o disse, historietas, contos, fábulas, anexins, trocadilhos. E cá e lá as ideias são freqùentes vezes comprimidas a aforismos.

Se D. FRANCISCO MANUEL, que dedica páginas e páginas às obras de QUEVEDO, BOCALINO, LÍPSIO e às suas próprias, longe de prestar a BALTASAR OU LOURENÇO GRACIAN (3) a homenagem de o escolher para porta-voz do seu credo literário e filosófico, nem mesmo dá lugar na Livraria-Hospital às obras-primas dêle (4), restringindo-se a mencionar de passagem o livro do *Heroe*, deveria haver razões para

(1) *Ardénio* é anterior de um século ao *Freytag* de DANIEL DE FOE, que acompanha ROBINSON CRUSOE.

(2) GRACIAN conhecia muito bem êste jardim da Europa, como todos os Castelhanos notáveis dos Quarenta anos. São infinitas as observações a respeito do país, do carácter nacional e dos corifeus literários, que espalhou, tanto no *Criticon*, como na *Agudeza*. É dêle a homenagem jocosa: *El Camoes? El q'amo es!* E também a censura que para olhos portugueses tudo quanto há de belo na sua pátria é *o primeiro do mundo.*

(3) As obras de BALTASAR foram dadas à luz com o nome de seu irmão.

(4) Além do *Criticon* (que eu acho encantador, sempre que saboreio um Capítulo, mas fatigante, em leitura seguida) e da *Agudeza*, como código admirável do intelectualismo poético, há o *Oraculo Manual ò Arte de prudencia*, traduzido por SCHOPENHAUER. Quem por desconhecer a obra, achar exagerados os meus louvores, procure nas *Ideas Esteticas en España* a opinião de MENENDEZ Y PELAYO (vol. II. p. 535 seg.), àcêrca do peor dos escritos de GRACIAN: «talento de estilista de primer orden, maleado por la decadencia literaria, pero así y todo, el segundo de aquel siglo en originalidad de invenciones fantástico-alegoricas, en estro satírico, en alcance moral, en bizarria de expresiones nuevas y pintorescas, en humorismo profundo y de ley, en vida y movimiento y efervescencia contínua; de imaginacion tan varia, tan amena, tan prolífica sobre todo en su *Críticon*, que verdaderamente maravilla y deslumbra, atando de pies y manos el juicio, sorprendido por las raras

isso (1). Mas talvez não as haja. Há no *Hospital* outras omissões igualmente curiosas. Basta dizer que o Cavaleiro da Triste Figura não aparece nem uma só vez na galeria de Melo.

Que Gracian, pela sua vez, não conhecesse o ingenioso Português é natural. Quanto a Quevedo, caracteriza-o como *tabaco forte*. A Bocalino, compara-o com a alcachofa, muy apetitosa, embora de cada folhinha só se coma o fundo, e êste com sal e vinagre. Justo Lípsio, esse é no Jardim de um Discreto, planta de folhas demasiadas, e demasiadamente grandes. Se elas tivessem tanta intensidade como extensão, não haveria preço suficiente para elas.

*

Ainda há outros textos, e esses métricos, que deverá consultar quem quiser assinar a Melo o seu lugar na História das Ideias Estéticas, mais pormenorizadamente, do que o fez o grande crítico-artista peninsular que citei em nota, e entre nós Fidelino de Figueiredo. São as diversas *Viagens* ou *Jornadas a Còrtes do Parnaso* — *Laureis de Apolo* — *Cantos de Caliope* etc., em que poetas laureados distribuem folhas das suas corôas aos menos felizes. Cervantes (1584), Lope de Vega (1630), Jacinto Cordeiro (1630), procederam assim a sério; às gargalhadas, por meio de caricaturas picarescas, o Português Diogo Camacho (2).

---

occurrencias y excentricidades del autor, que pudo no tener gusto, pero que derrochó un caudal de ingenio como para ciento».

(1) Que não o metesse entre os Interlocutores do Hospital, talvez se explique pela fórmula popular: *Três é conta que Deus fez*. ¿ Mas a não admissão das obras na Livraria ? O estar entre os vivos não podia valer. Nem tão pouco o facto de o pessimismo de Gracian não ser simpático a D. Francisco Manuel.

(2) Gil Polo e Jorge de Montemor tinham dado o exemplo no século xvi, o Castelhano com o *Canto de Turia*, o Português, na *Diana*, com o seu *Canto de Orfeo*, em louvor de Damas peninsulares.

Fazendo agora vagarosamente a análise do *Apólogo*, e relendo para confronto páginas de Quevedo e Gracian, e os panegíricos dos quatro poetas que acabo de citar, cheguei ao seguinte resultado:

Comquanto D. Francisco Manuel se refira a miude aos *Sonhos* (1) e nunca ao *Criticon*, há mais semelhança entre êste e o *Hospital*.

Como estilista tem os defeitos e as qualidades dos dois.

Como censor é menos pessimista. Não nego que nos mestres castelhanos a crítica severa seja tambêm o reverso do seu ardente entusiasmo pela arte divina. No génio verdadeiramente fidalgo de Melo há todavia mais generosidade.

A sua benevolência aproxima-o às vezes de Cervantes e de Lope.

Na prática afasta-se dos preceitos que apregoa. Sentenceia que não há bons poetas senão quando são raros. E cita muitíssimos coevos seus como dignos de aplausos (2).

Tem o propósito de, cingindo-se às ordens de Apolo, criticar apenas obras impressas, porque as manuscritas ainda podem ter (ou poderiam ter tido) emenda, convalescendo por si mesmas. Mas esquece-se dêle para com amigos ilustres: Condes e Grandes que, para não parecerem poetas profissionais, e para darem maiores atractivos às suas obras, nunca estampavam nada.

Já aludi a curiosas omissões, e disse que Melo distribue

---

(1) Na Dedicatória das *Fontes* há uma alusão extensa. «Neste estado [de melancolia e infortúnio] me colheo a ilusão [= a fantasia] que agora vos comunico neste diálogo Não foi *sonho*, pois não he de juro e herdade que todos os Dons Franciscos sonhem. Sonhou o de Quebedo porque tinha ou fama ou sono sobre que dormir; mas eu que ha tantos anos que, como sabeis, não repouso, mais de pressa de desvelado escreverei delirios que sonhos».

(2) Gracian diz com relação aos Poetas: *Famosos so três e meio* — mas na *Agudeza* elogia também muitíssimos. Quevedo queria que todos os frouxos fossem condenados a no Inferno se ouvirem uns aos outros por toda uma eternidade.

encómios a muita mediocridade, sobretudo mas não exclusivamente portuguesa.

Em geral é justo com a pátria. Nunca se cansa de enaltecer Camões e Sá de Miranda. Principia o exame dos livros com Portugal; e com Portugal termina, dizendo que a natureza não foi avara com a nação a que deu um poeta cómico como Gil Vicente, um poeta épico como Luís de Camões, um màtemático como Pedro Nunes, um médico como Amato Lusitano, um prègador como o Padre Vieira, um rei como D. João II, um santo como Santo António, etc., etc.

Mas nem sempre acerta. Só avalia o complicado. Os velhos, desconhece-os. Não nomeia Bernardim Ribeiro e Cristóvam Falcão. Prefere os arrebiques pedantescos de Rodrigo Mendes da Silva (um dos coevos com os quais tinha relações pessoais) à ingénua e pitoresca prosa da *Crónica do Condestável* (como já foi notado por Prestage).

Entre as suas próprias *Obras Métricas* considera como a melhor o hiper-gongórico e castelhano *Pantheon a la Imortalidad del nombre Itade* (anagrama de Taide) *dividido en dos Soledades.* E no fim da vida recaiu no estilo amaneirado das Academias.

O seu verdadeiro Credo literário, e o enlace interno das diversas opiniões, ainda não o descobri. Talvez esteja em máximas liberais como as seguintes: *Toda e qualquer criação, quer espontânea, quer laboriosa, tem o seu quid divino. —Todo o homem tem sua graça, se lha quisermos achar.*

Quanto ao valor do *Hospital,* Melo, que ligava interesse maior a problemas literários do que aos morais e sociais, diz que o encaminhara a fins mais altos e o estimava mais do que os restantes *Apólogos.* Eu hesito. Há nêle erudição excessiva, muitos nomes e títulos que não me dizem nada. Ganharia, se o dividissemos em actos ou scenas. Só com um bom Comentário conciso, mas interessante, em forma

de Diccionário alfabético, se poderão vencer os numerosos obstáculos, verdadeiras pedras de escândalo em que a minha ignorância tropeça, e tropeçaram antes de mim copistas e editores.

Qual é o leitor capaz de compreender, gozar e emendar, à primeira vista, o trecho em que o QUEVEDO, respondendo a BOCALINO, que censurara às suas bargantarias e travessuras, replica o seguinte.

«Aceyto a reprehenção, por entretanto, que vos não trago à memoria as *befas* da Italia desde o vosso querido *Francisco Beriza* até o *Marineyde*, & *Morteleyde* do *Marino*, & *Mortula*, podendo não menos lembrarvos no seu *Adonis* o canto de *Bacey*, & o *Lesbio* do *Tasso* que deu em que entender a tanta gente» (p. 321-22 da Ed.-Principe. Na ed. de 1900 a p. 25 ha *Monteleide*).

E como esse, difícil em si, e deturpado com erros e pontuação irracional, há muitos, muitos.

Paro aqui, porque não quero nem posso escrever um estudo sobre o *Apólogo*. Repito apenas o desejo que a Academia encarregue o autor do *Esbôço* de uma edição crítica e comentada das obras de MELO, a começar com aquelas em que melhor se manifesta o seu génio natural. Se a êle se associassem alguns críticos, portugueses, bem preparados como FIDELINO DE FIGUEIREDO e ANTÓNIO SÉRGIO, chegar-se-ía mais depressa à realização do plano. Só então se saberá com que direito MENENDEZ PELAYO deu ao Português um lugar de honra ao lado de CERVANTES, QUEVEDO e GRACIAN.

*

É uma lástima que o Ms. Conimbricense 338 esteja incompleto! Faltam-lhe no fim dois Capítulos inteiros (pelo menos dez fôlhas duplas, correspondentes às páginas 410-464 da Edição-Príncipe, ou seja 90-130 da reimpressão de 1900):

o dos Políticos e o dos Historiadores. Estes ficarão com todos os êrros que deturpam as impressões, até que apareça outro códice, dos muitos que circularam de 1657 a 1721.

O de Coimbra é de modo algum um primôr. Há nêle tambêm bastos êrros de transcrição. A lêtra de Melo não era bôa. Ele ocupava copistas. E mais de uma vez se queixa da inconsciência e ignorância deles. No *Hospital* são sôbretudo nomes próprios que sofreram alterações. Quem não compreende o que copia, engana-se a cada passo. A lêtra mata, só o espírito vivifica.

Da ortografia e pontuação basta dizer que, se a do Ms. não é bôa, se há confusão sôbretudo a respeito dos *s z ss ç*, a de 1721 é peor, e a de 1900 péssima. Muito mais valeria adoptar a do manuscrito.

As variantes são numerosas, mas ao todo não são muito notáveis.

O confronto foi feito com esmero e discreção por um dos eruditos Bibliotecários que citei no primeiro artigo. Todos os passos em que há divergências são marcados com traços finissimos. Mas só o próprio colecionador lucrou com o seu trabalho. Para o público ficou estéril. E poderia ter sido tão fértil!

Há centenas de proposições escuras nas impressões, que podemos melhorar à vista da redacção contida no apógrafo conimbricense, o qual tenho em conta de primordial, vindo do Brasil.

Darei algumas amostras. Tiro duas da *Dedicatoria,* porque mostram às claras que o editor Mathias Pereira da Silva não se desempenhou com o cuidado preciso da delicada missão de que se incumbira.

O primeiro parágrafo termina: «justificandose nessa ignorancia minha arrezoada desgraça de que me queixo». Está claro que devemos lêr *a razão da desgraça de que me queixo;* e assim está no manuscrito.

O último parágrafo tem o seguinte teor incompreensível: «Mereçavos minha afeição que passeis um pouco pelas enfermarias deste Hospital das Letras, *sem que vos embarace a julgar essas, não só pelo receo do contagio porque contaminão os salvos, senão a curar os innocentes*».

Em conformidade com o inédito deve ser: *sem que vos embarace o vulgar receio do contágio, porque estas* (sci. *lètras) não são para contaminar aos salvos senão para curar os ignorantes* (1).

O que dá perfeito sentido.

Brincando com o número *nove*, ao falar das Nove Musas de QUEVEDO, de que apareceram primeiro *tres* e depois *seis*, diz BOCALINO: «pode dizer algum velhaco, vendo tal meia-duzia, que não é ainda poeta das *duzias senão das meias duzias* que é menos ametade». Nos impressos houve um salto de *duzias* a *duzias*. E como êsse, há muitos.

O *santo titular* do nascimento de MELO, que figura como pseudónimo no título das Guerras de Catalunha, deve ser *tutelar* (p. 401).

Na frase relativa às primeiras três Musas de MELO, *que são mais sonhos de Homero que sonhos de Scipião*, claro que devemos lêr *sonos de Homero*, lembrando-nos do prolóquio antigo *Quandoque dormitat bonus Homerus* (p. 404).

Quanto a nomes-próprios, muitos estão adulterados.

O mar *Euripo*, que separa a ilha Euboia (hoje Negro-ponte) da Grecia, o copista, ou o tipógrafo, ou o editor e revisor, transformou-o em *Eurípido*, lembrado do grande poeta trágico EURIPIDES.

O *Estagirita*, isto é ARISTOTELES, oriundo de *Estagira*, na Macedonia, é chamado *Estagirista*.

---

(1) MELO costuma escrevêr *inorantes*, e assim estaria no original da impressão.

Valério Flaco, escreveu *Os Argumentos,* em vez de *Os Argonautas* (p. 333)!

Ptolemeu Filadelfo, o afamado fundador da Biblioteca de Alexandria, está mudado em *Bartolomeu.*

Seneca, o grande Estoico, mestre de Nero e dramaturgo, é citado por Melo só com os prenomes Lucio Anneo, afim de o distinguir do pai, *Marco Anneo.* Mas nos impressos chama-se *Anco.*

O controvertidíssimo folheto herético *De tribus Impostoribus* — Moises, Jesus Cristo e Mahomet — aparece com o título *De tribus Imperatoribus* (p. 392).

O universalmente conhecido *Guttenberg* é *Grotemburgo.*

No passo que tresladei mais acima, *Beriza* (no manuscrito *Berna*) deve ser *Berni,* o famoso *Caposcuola* do género palacianamente bufonesco (p. 321); o *Marineyde* e *Morteleyde* (ou *Monteleyde*) deviam ser a *Marineida* e a *Môrteleyda,* ciclos de sonetos injuriosos, dirigidos pelo inventor do estilo amaneirado a Mortulo, e por êste a *Marini;* o *canto de Bacey* no *Adone* talvez seja *um canto de' Baci* (dos Beijos); e em lugar do *Lesbio do Tasso,* que não existe, ponhamos a *Lesbia de Pafo.*

Mesmo nomes e títulos peninsulares eram desconhecidos aos ajudantes de D. Francisco Manuel. As espirituosas Cartas del *Caballero de la Tenaza* são atribuídas a *Tenara.* O Petrarca catalão *Ausias March* (traduzido por Montemór) deu num *Messias* (p. 343) (1). A comédia *Alphea* de Simão Machado é *Alpheo* (p. 328). A *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcellos é *Aulagraphia* na impressão de 1721 (p. 431), e *Ortografia* em 1900!

Abstenho-me de classificar esses testemunhos de pobreza intelectual.

---

(1) A p. 346, *Messias* é *agraz* no manuscrito.

Só apresento essa mão-cheia de exemplos para que o leitôr veja quanto vale o Ms. 338.

*

Conforme prometi vou reproduzir a lista das Obras de D. FRANCISCO MANUEL, tal qual ela se encontra no manuscrito, numerando as parcelas.

Na essência afasta-se pouco da que foi publicada em 1721. Há todavia diferenças a mais e a menos; alterações quanto a lingua (1) e na classificação, como novela, comédia, relação, farça etc. e também na ordem dos escritos. E como, segundo todas as aparências, essa ordem é, alêm de genérica, *cronológica*, essas diferenças tem valôr.

O autor do *Esboço* deixou de utilizar a lista; por isso julgo prestar um serviço aos que queiram ocupar-se do assunto.

Substitúo a disposição tipográfica malgeitosa das impressões, por outra melhor e junto algumas notas bibliográficas, relativas ao *Catálogo* que D. FRANCISCO juntou em 1664 às *Obras Morales,* e também à *Bibliographia* de PRESTAGE.

Logo no principio do Apólogo, o autor dissera a respeito da Biblioteca-Lazareto que ia visitar, *onde tambem jazemos como os mais pecadores à espera de receita e cura.*

Quási no fim do Capitulo, relativo a Poetas, QUEVEDO ouve ais dolorosos de uma voz que lhe era familiar. São as obras *impressas* de MELO que se queixam dos seus êrros:

As *Rimas* ou *Musas de Melodino.*

O *Pantheon.*

A *Politica Militar.*

A *Guerra de Catalunha.*

---

(1) No Catálogo publicado em 1664, todas as obras teem título castelhano.

O *Eco Politico.*

El *Mayor Pequeño.*

Os *Phenix de Africa.*

O *Guia de Casados.*

A respeito de todos, o autor dá esclarecimentos preciosos, autobiográficos, e faz auto-censuras finas. *Estampados só esses nove!* Com relação a uma *Historia de Varões Illustres,* impressa em França, e a outros escritos, impressos também àlêm-mar, acrescenta: «Se pelo que neste livro obrei, lhe houvesse de chamar meu, de muitos outros seria padrinho» (ou: «em outros muitos tenho parte»).

A pedido de Lípsio passa a comunicar aos três amigos o rol dos escritos não-estampados «que sendo filhos como os outros, mereciam tambem serem honrados como fidalgos da sua casa».

Em primeiro lugar D. Francisco Manuel repete a lista dos livros impressos, em ordem cronológica:

Sabeis da

1) *Politica Militar em Avisos de Generales* (1638). — Vide Prestage n.º 2, p. 101. Ms. Conimbr. 478.

Sabeis dos

2) *Movimientos, separacion y guerra de Catalunha* (1645). — Prest. 6.

3) do *Eccho Politico.* — Prest. 5 (1645). Nas Cartas e nos Prólogos se terá de verificar qual das obras impressas em 1645 precedeu a outra.

4) *El Mayor Pequeño.* — Prest., 24 e seg. (1647).

5) *Primeira Parte do Fenix de Africa: Agostino Filosofo* (1648). — Prest. 29.

6) *Segunda Parte: Agostino Santo* (1649). — Prest. 30 e seg.

7) as *Tres Musas.* — Prest. 32 (1649). Cfr. Prest. p. 238.

8) o *Pantheon.* — Prest. 34 (1659). Vid. p. 237. Esse, segundo Quevedo, *peor parto* e segundo Melo *bem extravagante* poema, entrou em 1665 nas *Obras Metricas.*

9) a *Carta de Guia de casados*. — PREST. 37 e seg. 1651. Vid. p. 257. Depois continúa:

Sabei agora que antes e depois dêstes se tem escrito

10) *Concordancia mathematica de antigas e modernas Ipotheses* (livro). — PREST. n.º 127. Vid. p. 33. É aparentemente a primeira das composições juvenis a que MELO ligava alguma importância. Foi escrita em 1625, aos dezasete anos.

11) o *Labyrintho de fortuna* (comedia). — PREST. n.º 184 *Labyrintho da fortuna*. Cfr. 87: *El laberinto de amor* (do *Catalogo* que acompanha as *Obras Metricas*). Este é provávelmente a mesma cousa.

12) os *Secretos bem guardados* (comedia). — PREST. 88 *Los Secretos bien guardados*.

13) o *Domine Lucas* (comedia). — PREST. 94 (1). Qual das quatro comédias métricas (2) seria a que MELO menciona na carta de 1 de Julho de 1634, conforme se vê no *Esboço* a p. 71?

14) *De Burlas hace amor veras* (no ms. há *De burlas ou amor de veras*) comédia. — PREST. n.º 89.

15) *A Impossible* (tragédia). — Imperfeita, segundo os *Apólogos* de 1721. E realmente, nas *Obras Métricas* foi impressa em 1665, com a nota *No se acabó*. — PREST. p. 591 e 583.

16) as *Finezas mal logradas* (novella). — PREST. n.º 153. Cfr. p. 33. Foi escrita aos dezoito anos, em 1626, de sorte que aqui pelo menos se peca contra a ordem cronológica. Repito que, como no Catálogo de 1665, a ordem é genérica, e só dentro dela, cronológica.

17) *Verano en Cintra* (novella). — PREST. n.º 155.

18) *Dama Negra* (novella). — PREST. n.º 154.

19) *Don Establo* (entremez). — PREST. n.º 9 *La vida de D. Establo*.

20) o *entremez de los entremezes* (farça). — PREST. n.º 185.

21) o *Fidalgo Aprendiz* (farça). — PREST. n.º 60. Vid. p. 213. Escrita em 1646, conforme se sabe da Carta CCXIII; impressa em 1665 nas *Obras Métricas*; em separata só em 1676.

22) a *Casa da Fama* (panegirico). — PREST. 186 *La caza de la fama*; na impressão de 1721 *La casa*.

---

(1) Com êste mesmo título existe uma comédia de D. JOSÉ CAÑIZARES e outra de LOPE DE VEGA.

(2) Não é apenas BARBOSA MACHADO (PREST. 89), é o próprio D. FRANCISCO MANUEL que nos informa de que eram comédias. Provávelmente castelhanas.

23) as *Epistolas portuguezas com seis centurias* (livro). — Prest. n.º 57 seg. e 141. Na edição de 1664 há quinhentas, familiares. O autor planeava a publicação de uma Segunda Parte com inclusão das políticas, ou seja de Papeis de Estado.

24) as *Tres Musas Portuguezas* (livro).

25) as ultimas *Tres Musas Castelhanas* (livro).—Juntamente com as primeiras *Três Musas,* impressas em 1649, as outras seis apareceram em 1665 como *Obras Métricas.* — Prest. n.º 59, e p. 238.

26) a *Arte Cabalistica* (livro). — Prest. n.º 66, onde se regista a impressão de 1724, cujo título é *Tratado da Sciencia Cabala*, ou *Noticia da Arte Cabalistica.*

27 *a* e *b*) a *Arte Symbolatoria* e *Tratado das Insignias religiosas, militares e politicas* (livro). — Prest. n.º 122 e 144.

28) a *Arte de escrever cartas* (tratado). — Julgo ser o *Aparato de los Escritos.* — Prest. n.º 149.

29) *Dictaria sacra* (tratado). *Dictoria* nos *Apologos* de 1721.—Prest. n.º 164; vid. p. 259, onde se aponta o facto de a Carta 509 dessa obra ser parafrase do Psalmo 37.º

30) o *Daniel* (livro). — Prest. n.º 108 *El Daniel perseguido* (1648). Cfr. p. 229. O autor não terminou a obra porque, conforme conta no próprio *Hospital* p. 428, o Bispo D. Frei Joseph Laynes se lhe atravessou diante com o seu *Daniel Cortesano* (ponto êste que não averigùei).

31) o *Tobias* (livro). — Prest. n.º 109 *El Tobias.*

32) o *O Christão Alexandre* (livro). — Prest. n.º 110 *El Christiano Alexandre* (livro). É a historia de Escanderbeg. Na lista dos Apólogos baralharam estes três títulos, pondo: *Daniel o Christão. Alexandre & Tobias.* E antes do *Daniel* registaram os *Espiritos Morales* (p. 156 e 177). A falta dêsse título no manuscrito, claro que pode ser mero lapso do copiador.

33) as *Côrtes da Razão* (livro).—Prest. n.º 132, p. 258. Esse trabalho, de que o autor esperava, fôsse honra e meta de todos os seus escritos, estava em obra no ano de 1650. No Catálogo de 1664 tal *Dialogo* entre Heraclito, o filósofo das lágrimas, e o rei-trovador Teobaldo (Thibaut) de Navarra está entre as *Obras exquisitas,* juntamente com os quatro Apologos Dialogaes impressos em 1721.

34) o *Grão Theodosio 2.º de Bragança* (coronica de tres tomos). — Prest. n.º 96 e p. 229 (1648).

35) as *Verdades pintadas* (livro). — Prest. n.º 139 *Verdades pintadas e escritas.*

36) *Vida del hombre y historia imperfeta* (livro). Talvez seja o

n.º 92 de PRESTAGE *El Hombre* (em verso), definido por BARBOSA MACHADO como descrição do carácter de um Príncipe perfeito.

37) o *Juizio de las maravillas de la naturaleza* (tratado, relativo a um fenómeno de 1638). — PREST. 172.

38) *El Cesar de ambos mundos* (livro).—PREST. n.º 17; obra politica.

39) o *Tacito português* (livro). — PREST. n.º 97.

40) o *Aparato Genealogico dos Reys de Portugal* (livro). — PREST. n.º 100 e p. 220.

41) as *Disculpas del Ocio* (livro). — PREST. n.º 94. *Desculpas del Ocio* e *Segunda Parte de las Desculpas* (obra métrica).

42) o *Livro de ouro* (livro). — PREST. n.º 93 *El Libro del Oro*.

43) o *Compendio de expedientes* (livro). — PREST. n.º 187.

44) *Expedição dos Lusitanos em America* (relação) (1). — Provavelmente o n.º 105 de PRESTAGE: *Relaciones de la America*.

45) *Das alterações de Evora* (relação). — Escrita em 1649 e impressa em 1660 como *Epanáfora primeira: Politica*. —Vid. PREST. p. 297 e n.º 51.

46) *Do descobrimento da Ilha da Madeira* (relação).—Impressa como *Epanáfora 3.ª Amorosa*. — Ib. e p. 257.

47) o *Naufragio da armada portugueza* (relação). — É a *Epanáfora 2.ª: Tragica*. Ib.

48) das *Batalhas do Canal* (relação).— *Epanáfora 4.ª: Bellica*. — Ib. e p. 134.

49) das *Novas Embaixadas do Oriente* (relação).— Provávelmente o n.º 102 de PRESTAGE: *Relaciones del Oriente*.

50) do *Congresso militar de Parlamentarios e Realistas* (relação). — PREST. n.º 119 e p. 242-248.

51) *Das novas peregrinações de Portugueses pelo novo mundo* (relação). Todas hum livro. Entendo que MELO calculava, mal, em 1657 que todas as oito *Relações* (44-59) preencheriam um volume; mas como só quatro (45-48), coubessem nêle, e como quinto o nosso n.º 54, resolveu formar das restantes (44 e 49-51) uma *Segunda Parte das Epanáforas*. — PREST. n.º 98.

52) os *Manifestos Reaes do Assassinamento de Castela*.

53) dos *Primeiros eventos das armas* (sic) *da Companhia dos comercios*.— Seguramente é identica à obra que o autor do *Esboço* regista como n.º 188: *Dos primeiros inventos* (sic) *das Armadas da Companhia do*

---

(1) *Relação* é o que posteriormente denominou *Epanáfora*, isto é história sem advertência.

Comercio. Cfr. p. 258. Se ambas forem uma só, e identicas à *Relaçam dos sucessos da armada que a Companhia geral de Commercio expediu ao Estado do Brazil o anno passado de 1649,* impressa em 1650 (Prest. 1650), e se essa fôr a que no Catalogo de 1664 figurava entre as Obras impressas como *Jornada de la flota* (o que está por averiguar), então lavrava a êsse respeito singular confusão na memória em geral tão fiel de D. Francisco.

54) da *Recuperação de Pernambuco.* — Essa relação foi impressa como *Epanáfora 5.ª Triunfante.*

55) *Astrea providente e satisfação aos Confederados.*—Prest. n.º 119, e p. 244 e 248. Nos Apologos impressos há *Estrea* por lapso.

56) os *Dialogos Moraes dos Relogios falantes; do Escritorio Avarento; da Visita das Fontes; da Feira dos Anexins; do Cabido dos Coches;* [*e*] *este do Hospital das letras que mais estimo que todos, os quaes juntos farão hum justo volume de hum livro.*

*

Interrompo a transcrição para juntar os resultados que tirei do confronto com a impressão de 1721, o *Catalogo* de 1664, e a *Bibliografia* de Edgar Prestage.

1.º) Das obras nomeadas na edição de 1721 faltam duas no manuscrito: os *Espiritos Moraes* (entre o n.º 29 e 30) conforme já disse, e (entre 43 e 44), o tratado da *Verdadeira Amizade* (Prest. 128, *De la perfecta amistad*). Se houve descuido da parte do copista, ou se Melo acrescentou, na revisão do texto enviado do Brasil, o que por lapso de memória omitira na primeira redacção, é impossível dizê-lo.

2.º) Das obras enumeradas no manuscrito faltam na impressão a novela da *Dama Negra* (18); a relação das *Novas Peregrinações* (51); e no trecho final relativo aos *Dialogos Moraes,* o *Cabido dos Coches.* ¿ Estariam elas tão pouco adiantadas, ou tão pouco do agrado do autor que preferiu suprimi-las ?

3.º) Em ambas as redacções do *Hospital* faltam naturalmente bastantes dos títulos que figuram no *Catalogo* elabo-

rado por D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, dois anos antes de falecer, e impresso por ordem dêle nas *Obras Morales* (1664). Em lugar de cincoenta e seis há nêle cento e seis, sendo

Impressas		19
Inéditas:	métricas	24
	políticas	9
	demonstrativas	7 (1)
	solenes	10
	exquisitas	11
	familiares	6
	várias	13
	imperfeitas	7

Dei pela falta sôbretudo da *Feira dos Anexins* (e do tal *Cabido dos Coches*).

Nem todos os cincoenta, que há a mais nessa opulenta lista, são todavia fruto dos sete anos que o autor passou na pátria e em viagens diplomáticas depois do regresso do Brasil.

Várias são anteriores a 1657 e faltam no Apólogo por descuido. Isso vale dos *Sonetos a Inês de Castro* (N.º 1 de PRESTAGE), impressos em 1628. Salvo êrro, êles figuram no Catálogo como *Corona Tragica* — estreia poetica do autor. Vale tambêm do *Manifesto Real de Portugal,* de 1647 (PREST. n.º 23), assim como da *Aula Politica* e *Epistola Declamatoria* (63), compostas em 1653 e impressas em 1720. E valerá por ventura da *Jornada Gloriosa* (cast., 86) e dos *Psalmos de la Providencia* (95) por ser pouco provável que no fim da vida tornasse a escrevêr novelas, comédias e poesias.

Se a *Bibliographia* de PRESTAGE sóbe a 188 números é porque inclue traduções, escritos de MELO contidos em obras alheias, obras mencionadas pelo próprio em *Cartas* etc., ou

(1) Os *Memoriais*, não os conta.

então por Barbosa Machado e Inocêncio da Silva; e tambêm porque mete em conta cada edição nova, conforme deixei dito.

*

Eis agora o fim da exposição que Melo dá aos amigos no *Hospital das Letras:*

Quevedo — Valha-me Deus! já não ha quem possa com tanto (1)!

Autor — Em verdade que me não demasio! E ainda mal! porque, gastando tantas horas em escrever, não gastei (2) hũa só no arrependimento de haver escrito tanto.

Bocalino — São logo, conforme a essa conta, quasi sem conta vossos trabalhos?

Autor — Antes de tão pouca conta que sendo sómente *nove* os livros impressos por meus, e *tres* que se encobrem à sombra de outros nomes, os quaes eu dei (3) por bem alheados (fóra *dous* (4) manifestos de molde), restão sómente cincoenta e quatro obras, que por todas fazem sessenta e cinco: algũas muito em seus principios (5), outras acabadas, nenhũa perfeita, e infinitas medrosas de respectivas ao tempo e suas ocorrencias.

Quevedo — Podieis logo pleytear com Apelles aquelle dito de «nenhum dia sem linha» (6).

Autor — Não demando a ninguem, por competir com seus trabalhos; mas bem sabem os que me conhecem que tantas horas vivo como escrevo, pois por ventura não se poderão contar muitas de minha vida ociosas (7).

Bocalino — Assi deve ser necessario, se he certo o que já me dissestes que, fazendo computo, ha mais de dez anos, dos papeis *familiares*

---

(1) Na ed. de 1721 acrescenta: *tudo isto tendes feyto?*

(2) 1721: gastasse.

(3) 1721 que eu dou.

(4) tres.

(5) restarão somente algumas obras muyto em seus principios.

(6) O êrro de transcrição *nenhum dia seu tinha,* que eu atribui aos impressores de 1900, está (com outro qne citei), tambêm na edição príncipe, como verifiquei.

(7) Ms. ocioso.

que nos cinquo passados tinheis escripto, achaveis numero de vinte e dous mil papeis (1).

Lipsio — Logo bem podeis dizer por vos e a vossa fortuna aquillo do poeta que a copia vos empobreceo.

Bocalino — Diga o Autor o que quiser, eu digo delle o que....

Com estas palavras termina o manuscrito.

O cálculo dos *papeis* deve ser exacto, aproximadamente. No Prólogo das *Cartas Familiares* que D. Francisco começára a coleccionar em 1649, afirma que, nos seis primeiros anos da prisão, a sua correspondência montara a 22.600 epístolas (2).

Quanto ao cálculo das obras, entre corriqueiras e magestosas, também a conta deve estar certa, embora eu não atine a fazer 64, das 56 que cataloguei, nem que junte os dois omitidos (3), o segundo dos que rubriquei com *a* e *b*; os três que andam em nome alheio, e os dois ou três *Manifestos*.

Provávelmente há mais alguma omissão (4).

---

(1) As impressões estão deturpadas também neste passo, pois falam de *duzentos* e *vinte e dois*, omitindo *mil*.

(2) Vid. *Esboço*, p. 236.

(3) *Espiritos Moraes* e *Verdadeira Amizade*.

(4) *La Jornada gloriosa*?